

epigenético, ao remeter a evolução de partes para a síntese global em funcionamento, parece coincidir bastante com as aquisições definidas para a identidade. Ei-la:

"Algo generalizado, esse princípio afirma que tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir desse plano básico que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham sido levantadas para formar então um todo em funcionamento" (1976, p. 91).

Nossa temática atual é a adolescência, mas este momento não poderia ser compreendido em Erikson sem a análise completa do ciclo vital. As crises psicossociais de desenvolvimento propostas por Erikson são as seguintes, numa correlação com as fases de Freud:¹⁰

Freud	Erikson
Etapa	Modalidade ¹¹
Fase oral	oral-sensorial
Fase anal	locomotora-genital
Fase fálica	locomotora-genital
Período de latência	latência
Fase genital	adolescência
	idade adulta jovem
	maturidade
	Crise psicossocial
	confiança básica X desconfiança
	autonomia X vergonha e dúvida
	iniciativa X culpa
	indústria X inferioridade
	identidade X confusão de papéis
	intimidade X isolamento
	integridade de ego X desesperança

1.2.4.1 Confiança versus desconfiança

A primeira crise é estruturada durante a fase oral de desenvolvimento. Erikson a denomina oral-sensorial. Seu modelo de teoria sexual infantil é decorrente do modelo psicanalítico clássico, notadamente da elaboração de Abraham, que organiza a oralidade em duas etapas, uma etapa oral de sucção, portanto apenas receptiva, e uma

¹⁰ Erikson, E. H. *Ob. cit.* 1971.

¹¹ Erikson usa o termo *modalidade* para os três primeiros momentos, em substituição ao tipo de pulsão que Freud descreve. Suas outras etapas possuem mais o sentido de continuidade da experiência e maturação.

Rappaport, C.R. (org)
 Psicologia do desenvolvimento
 SP, GPO, 1981-2
 V4 - A idade escolar e a adolescência

A organização da identidade é a etapa central proposta por Erikson na evolução do ciclo vital humano. É um momento de síntese, de transformação de identidades em identidade e de interação original com o mundo. Erikson parte das fases descritas por Freud, relacionando cada uma delas a uma crise psicossocial, com exceção da etapa genital, por ele subdividida em quatro crises. Freud define a organização da genitalidade a partir da adolescência, não especificando outros momentos críticos da evolução afetiva humana. Erikson vê a adolescência como um momento crítico de integração das etapas anteriores (permanece a idéia de Freud de que os momentos infantis estão ligados à sexualidade ou a organizações afetivas parciais), mas procura demonstrar que este momento, que dá uma primeira percepção correta de "unidade de personalidade" e capacidade de percepção correta do mundo e dela própria, remete o indivíduo a outras etapas de interação individual e das relações sociais. No "princípio epigenético", que domina o modelo do ciclo vital, parece ter Erikson o seu momento crítico de evolução na crise de identidade. Sua definição de princípio

⁹ Erikson, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

etapa oral denominada por Abraham canibal, que está ligada às fantasias destrutivas (quer no sentido positivo, de combatividade do Ego, quer no negativo, das organizações melancólicas). Erikson, ao efetuar seu diagrama evolutivo, também subdivide a etapa oral em dois períodos, denominados por ele modos orgânicos incorporativos 1 e 2.

O primeiro modo orgânico está ligado a um "foco de um primeiro e geral modo de aproximação, a saber, a *incorporação*" (1971, p. 64). Nesta fase, em que as vivências são estruturadas através da boca, o amor também é recebido e retribuído através das fantasias orais centralizadas na amamentação. O prazer de ser alimentado e a relação com ele incorporada é a dimensão inicial do amor infantil. A certeza de que o alimento virá, de que a espera trará o alimento e a mãe amados configura a primeira resposta positiva de afeto que a criança elabora na relação com o mundo externo. Erikson exemplifica a dinâmica desta etapa com um círculo aberto em um ponto, representando o organismo, por onde uma seta indica o mundo externo penetrando e sendo incorporado. Mas embora a modalidade incorporativa 1 seja a dominante, Erikson define que neste momento já podemos observar os rendimentos das modalidades futuras se organizando:

"Assim, na primeira etapa incorporativa há uma tendência a apertar as mandíbulas e gengivas (segundo modo incorporativo), à salvação frequente (modo eliminatório) e a cerrar os lábios (modo retentivo). Nos bebês vigorosos é possível observar-se inclusive uma tendência intrusiva geral de toda a cabeça e pescoço, uma tendência a aferrar-se ao mamilo e, por assim dizer, cravar-se ao seio (oral-intrusivo)" (1971, p. 65).

Não é difícil perceber que Erikson já define neste primeiro momento todas as modalidades da teoria sexual freudiana (duas etapas orais, ligadas à recepção passiva e ativa, duas anais ligadas à projeção e ao controle, e uma fállica, ligada à intrusão). Embora com modelo teórico diferente, vemos que esta descrição da coexistência das várias etapas evolutivas no primeiro momento de vida foi feita também por Melanie Klein. A tarefa básica do modo oral 1 é organizar o sentimento de *obter*. Obter significa "receber e aceitar o que é dado". Este primeiro modelo de relação com o mundo ficará na dependência de uma relação qualitativa com a mãe. O processo de auto-regulagem mútua da criança que aprende a receber, enquanto a mãe adapta a ela suas possibilidades de dar, desenvolve não só o sentimento de obter, mas também o de poder esperar que lhe dêem, ou de "conseguir que alguém faça para ela o que desejava ter feito" (1971, p. 67). Vemos que não só o Ego começa a se estruturar para a realidade, mas também começa a organizar no sujeito o núcleo daquilo que será a sua capacidade futura de dar.

A segunda etapa oral descrita por Erikson coincide com o aparecimento dos dentes, que estruturam as modalidades sociais de *tomar e agarrar*. O conflito gerado pela amamentação neste período, já estudado por nós no segundo volume, ou seja, o de reter mas também magoar a mãe, estrutura para Erikson o primeiro momento crítico da relação entre o "bom" e o "mau". Ao ilustrar o modo oral 2, Erikson o define como um círculo com uma abertura, onde as duas extremidades da abertura são setas indicando o fechamento ou a apreensão do exterior que é recebido.

Penso que agora é possível estruturar a antítese básica das relações afetivas iniciais, segundo Erikson. A facilidade com que uma criança se alimenta, dorme e evacua é o indicador orgânico de que a relação inicial com a mãe está bem estabelecida. Pode aceitar a comida e sentir que é boa; a comida é boa tanto quanto a criança o é. Pode desenvolver o sentimento de que o mundo é bom, que os provedores externos, representados pela mãe, não o abandonarão e poderão satisfazer às suas necessidades. Esta certeza na predizibilidade exterior lhe estruturará a dimensão psicossocial da confiança. Uma confiança que alicerça inclusive as estruturas da fé. O sentimento de crer, estrutura das religiões, é também derivado deste momento. Erikson define a religião como a virtude social desta etapa.

A confiança, originada da certeza das relações externas estáveis, permite também à criança confiar em si. É por ter a expectativa clara de que será atendida, que poderá aguardar nas necessidades. O Ego reforça-se, pode elaborar o tempo e o pedido, não um grito de desespero, mas um pedido prene de compreensão. Pode, em termos freudianos, sair do processo primário e iniciar os rudimentos do secundário. Erikson não acredita que a evolução da criança nas etapas iniciais dependa da atenção ou alimentação quantitativamente dadas. Os trabalhos de Spitz mostram que crianças tratadas dentro de modelos quantitativos perfeitos, dentro de instituições, têm seu desenvolvimento retardado. É a maternagem qualitativa, organizada dentro de moldes que fazem sentido para a ideologia de mundo dos pais, que dará à criança a certeza de contar com o alimento e o amor vindos dos provedores. O modelo será válido para as demais relações estabelecidas com os pais. Diz Erikson:

"Os pais não devem se limitar a métodos fixos de orientar por meio da proibição e da permissão; devem também ser capazes de afirmar à criança uma convicção profunda, quase somática, de que tudo o que fazem tem um significado. Enfim, as crianças não ficam neuróticas por causa das frustrações, mas da falta ou da perda de significado social nessas frustrações" (1971, p. 229).

O próprio Erikson sintetiza o sentido da aquisição da confiança em trabalho publicado 18 anos mais tarde.¹²

"O estado geral de confiança, além disso, implica não só que aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também em si próprio e na capacidade dos próprios órgãos para fazer frente aos impulsos e anseios; que está apto a considerar-se suficientemente idôneo para que os provedores não precisem estar em guarda ou que o abandonem" (1976, p. 102).

1.2.4.2 Autonomia versus vergonha e dúvida

A fase anal caracteriza, para Erikson, a modalidade muscular-anal. Tal qual na teoria sexual freudiana, a modalidade afetiva é construída anacriticamente pelas aquisições evolutivas originais. O sentimento de prazer decorrente da evacuação, quer dos intestinos, quer da bexiga, geram um sentimento de bem-estar que Erikson traduz em um sentimento de se dizer "bem-feito" (1971, p. 72). O suporte orgânico fica elaborado em dois níveis. Primeiramente na capacidade de produzir excrementos bem moldados, ou seja, um produto que é central na organização da fantasia é passível de ser definido e controlado. Embora Erikson não o defina nestes termos, já vimos, no volume 3 desta coleção, como a fase anal é a etapa dos primeiros produtos, e como estes estão centralizados nas fantasias das fezes. Em segundo lugar, o nível maturativo já permite um controle voluntário, primeiro da expulsão, depois da retenção, paralelo dos quais se desenvolverão os mecanismos psíquicos ligados ao controle e à projeção.

Se do ponto de vista orgânico, reter e expulsar são modalidades que se completam no trabalho com os produtos excrementícios, do ponto de vista psíquico, a zona anal centralizará dois impulsos contraditórios. Diz Erikson:

"A zona anal se presta mais do que qualquer outra à manifestação de um obstinado apego a impulsos contraditórios porque, em primeiro lugar, é a zona modal para dois modos conflitantes de aproximação que se devem tornar alternantes: a *retenção* e a *eliminação*" (1971, p. 73).

A retenção e a eliminação aqui estão tomadas por Erikson como precursores psíquicos. Estas modalidades conflitativas permearão toda conduta infantil. O negativismo que Stone conceitua¹³ nada mais é do que o posicionamento firme de reter uma atitude sentida como sua. O

¹² Estamos citando as edições em português, as publicações originais são respectivamente de 1950 (*Infância e sociedade*) e 1968 (*Identidade, Juventude e crise*).

¹³ Stone, J. Ob. cit.

aparecimento do não definido por Spitz¹⁴ atualiza não só a passagem dos processos primários para os secundários, como também é a capacidade de poder bloquear, reter ou rejeitar algo que não quer receber ou dar, portanto é também um precursor da capacidade de escolher o que quer e um vínculo de escolha de quem se quer.

Vemos esta batalha que é travada pela autonomia, como o descreve Erikson, associada às organizações iniciais da escolha. A anítese *agarrar (reter)* e *expulsar (projetar)* fica correlacionada ao engajamento afetivo em exemplos do próprio Erikson: "Toda mãe sabe como, nesta fase, uma criança se aninhará carinhosamente nela e como, de súbito, tentará impiedosamente rechaçá-la" (1976, p. 109). "Ao mesmo tempo, a criança tende tanto a guardar o que lhe pertence como a atirá-lo pela janela" (1971, p. 73).¹⁵

A criança nesta etapa está situada face a um duplo conflito. De um lado, *insegura* diante da explosão do poder de reter ou se apoderar *exigentemente* das coisas, de eliminar obstinadamente, *não se sente* dominando parcimoniosamente estas aquisições, e se o exercício destas novas modalidades de relação lhe dá prazer, também teme com elas destruir a fé, a confiança e os bons objetos advindos da fase oral. De outro lado, o conflito manifesta-se na relação com as exigências sociais, centralizadas na *figura dos pais*. O fracasso na retenção ou eliminação que está desenvolvendo, notadamente nas relações de controle esfinteriano, despertará não só sua vergonha, sua dúvida e seu sentimento de ser pequena, como mobilizará sua raiva e a dos entes queridos. A relação é válida tanto nos conflitos reais quanto nos fantasiados. Torna-se importante que o controle externo, advindo dos pais, seja firme e tranquilizador. É na coerência da cobrança e na capacidade empática de acompanhar o momento onde a criança pode ser cobrada ou não que se estruturará a segurança familiar. Erikson vê nas relações deste momento uma etapa decisiva para a elaboração das proporções de amor e ódio, de cooperação e voluntariedade, de liberdade de auto-expressão e sua supressão.

O sentimento positivo da elaboração desta etapa é o de autonomia. Não só uma autonomia com relação a estar adequado, a poder elaborar seus produtos, a retê-los ou doá-los livremente, a poder pôr-se de pé e desenvolver a autonomia muscular, como também é o primeiro momento em que se firma uma autonomia com relação ao vínculo original de dependência, ou seja, é o primeiro momento em que a criança pode se separar da mãe.

¹⁴ Spitz, R. O primeiro ano de vida da criança, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1979.

¹⁵ Sobre esta fantasia específica de atirar coisas pela janela, ver o trabalho de Freud. Uma recordação da infância de *Gieth* (1940).

O fracasso nesta etapa estabilizará os sentimentos básicos de vergonha e dúvida. A vergonha surge quando o indivíduo não está pronto para ser observado, quando se sente visível e é inadequado. Há como que um desejo de sumir, de enfiar-se pelo chão e desaparecer. Estar envergonhado é sentir-se pequeno, e o envergonhamento que alguns padrões de educação provocam nas crianças alia-se negativamente à pequenez que a criança está sentindo ao pôr-se de pé e confrontar-se com os adultos. Erikson mostra que o envergonhamento exagerado da criança faz com que ela tente ficar fora da visão dos outros, a fim de agir livremente, manipular e tentar sempre levar a melhor, resultando, dessa maneira, numa falta de vergonha disfarçada (1968, p. 111).

A dúvida é paralela à vergonha; e se esta resulta de um sentimento de se estar frontalmente exposto, a dúvida se relaciona com um ataque ou um temor difuso, incerto, que parece provir do "de trás", ou seja, daquilo que no corpo da criança é o continente desconhecido. Não é difícil ver nesta relação a presença dos "objetos" anais sentidos como destrutivos.

Se a etapa anterior alicerçou ao nível individual a confiança, e ao nível do grupo a fé, esta etapa, ao solidificar a autonomia, estruturará o princípio da lei e da ordem como salvaguarda do grupo social. Se a etapa anterior deixou como sentimento a convicção de que "eu sou a esperança que tiver e der", a autonomia estruturará o sentimento de que "eu sou o que posso querer livremente" (1976, p. 115). Aí estão as etapas iniciais da progressão rumo à identidade.

1.2.4.3 Iniciativa versus culpa

A terceira etapa do ciclo evolutivo descrita por Erikson está centralizada na evolução da estrutura locomotora e dos órgãos genitais. Aqui podemos sentir que, em relação a Freud, Erikson privilegia a progressiva organização do Ego na constituição do sujeito, à medida que vai definindo por suas interações (e aquisições) com o mundo, ou seja, à medida que as funções do Ego vão-se especializando, a progressiva discriminação efetuada sustentará as fantasias afetivas (e sexuais) que se vão constituindo.

Assim, incorporar o caminhar e o correr, incluir espontaneamente a relação com a gravidade e liberar o sujeito para descobrir "o que pode fazer", e não apenas "o que está fazendo", característica da etapa anterior, estão nas bases da progressiva configuração da autonomia (1971, p. 76). Libertada muscularmente, buscando o que pode fazer, sua atuação e sua fantasia estão prontas para discriminar e manifestar sua sexualidade, para buscar papéis dentro do grupo familiar e disci-

minar os papéis que vale a pena assumir ou imitar. Começa a buscar o mundo fora de casa, e os modelos que dentro são criticamente elaborados já configuram os rudimentos da saída posterior.

O aprendizado que se processa é configurado como intrusivo. Entra no mundo, entra nas relações com o outro, pode libertar-se de seu próprio corpo e ver o dos outros. Pode começar a discriminar as diferenças sexuais. Desperta então para a genitalidade infantil, que "está determinada a permanecer rudimentar, uma mera promessa de situações futuras" (1971, p. 77). O interesse pelo sexo é despertado num sentido um pouco difuso. Isto configura a organização inicial da sexualidade infantil determinada a sofrer um revés, quer pela limitação física, quer pela impossibilidade atual e futura de ser parceiro do pai ou da mãe nas realizações sexuais.

Aqui menino e menina iniciam sua diferenciação. Se o modelo intrusivo na relação com o mundo corresponde à sexualidade masculina intrusiva, a sexualidade feminina é receptiva. A menina enfrenta, para Erikson tal qual para Freud, o drama de se ver sem um pênis e, mais do que isto, o drama de se ver desarmada para o modelo de sexualidade adulta que busca conquistas.

"Enquanto o menino tem este órgão visível, erétil e compreensível no que se refere a fixar sonhos de proporções adultas, o clitoris da menina não pode animar sonhos da mesma igualdade sexual. E ela ainda não tem seios como símbolos analogamente tangíveis de seu futuro; seus instintos maternos ficam relegados à fantasia lúdica ou ao cuidado de bebês" (1971, p. 78-79).

A sexualidade intrusiva que se desenvolve caracteriza, no menino, um modelo fálico-intrusivo. Lança-se para as conquistas, organiza metas e busca atingi-las pela conquista muscular e pela penetração no desconhecido. A menina, por não ser possuidora do pênis, adapta-se progressivamente a formas de atuação através da provocação e a modelos de "não deixar escapar" ou de "armar o laço". Estes modelos são estruturados para a aquisição do sentimento de iniciativa, sentimento que Erikson define como, de um lado, "capacidade para seleção de metas e perseverança para alcançá-las" (1971, p. 79), e de outro, como sentimento de que "eu sou o que posso imaginar que serei" (1976, p. 122).

Todas estas relações estão permeadas pelo desenvolvimento do complexo de Édipo. Se há a iniciativa de lançar-se para a conquista, existe o surgimento de uma voz interior que dita a interdição. Para Erikson, o fracasso em estabelecer-se como alguém que pode lutar por suas metas está prenhe de uma voz acusatória que o faz sentir a culpa de crimes que não comete. O sentimento básico de culpa, de ter feito algo proibido, está relacionado com o trabalho da interdição do incesto e o limitará por toda a vida. Para Erikson, é ainda a presença de

culpas irracionais que está na estrutura do "ciclo de culpa-violência, tão característico do homem e, no entanto, tão perigoso para sua própria existência" (1976, p. 122). Ao nível das virtudes sociais, a organização de papéis e a definição das pertinências que eles estabelecem constituem o "ethos econômico" das relações humanas.

1.2.4.4 Indústria versus inferioridade

A organização edípica surge para ser bloqueada. Paradoxo; se de um lado, ensina a amar, organiza as definições iniciais de papel sexual, estrutura a busca de metas e o sentido de iniciativa, de outro, os impulsos sexuais que estão na base da organização fálica intrusiva devem ser bloqueados. A repressão que se sucede ao complexo de Édipo fez com que Freud caracterizasse este momento como o período de latência, ou seja, de dormência dos impulsos sexuais. O processo pelo qual os impulsos originalmente sexuais são canalizados para tarefas de construção intelectual e social chama-se sublimação. E são os processos maciços de sublimação que tirarão a criança da tentativa rudimentar de ser um genitor precoce, a fim de prepará-la para ser um genitor biológico. Para Erikson esta tarefa é iniciada quando a criança começa a se preparar para ser um trabalhador e um provedor potencial (1971, p. 238). Erikson praticamente não se prende aos processos descritos por Freud na solução do complexo de Édipo, mas é clara sua aceitação dos mecanismos ligados à sublimação e à plasticidade dos instintos sexuais. Ao descrever o processo de educação infantil, baseado na sublimação, diz:

"Para realizar isso, a educação infantil utiliza as vagas forças instintuais (sexuais e agressivas) que fortalecem os padrões instintivos e que no homem, justamente por causa de seu equipamento *instintivo* mínimo, são altamente móveis e extraordinariamente plásticas" (1971, p. 85).

A entrada para a vida organizada na etapa anterior compreende os modelos de posicionamento e relacionamento psicossociais estabelecidos dentro do grupo familiar. Os modelos anteriormente estabelecidos devem agora ser reprimidos, devem tornar-se latentes, ou seja, devem adormecer até que a puberdade os chame para a organização da etapa genital. A busca de atuações fantasiadas ao nível sexual deve ceder lugar à busca de domínio e compreensão das relações impositivas do mundo. Deve desenvolver um sentido de *indústria*, isto é, "ajustar-se às leis inorgânicas do mundo das ferramentas" (1971, p. 238).

Não é difícil entender por que muitas crianças se desagrégam exatamente na entrada deste período. O impulso para manipular o

mundo, dominá-lo, fixar a perseverança em se prender às tarefas, em descobri-lhes o processo e em realizá-las pode ser frustrado, tanto por não ter vindo das etapas anteriores com um desenvolvimento que lhe permita enfrentar o mundo, quanto por não possuir uma adequação às tarefas que lhe são impostas e que a criança possa realizar. O sentimento da inadequação, que Erikson define como *inferioridade*, lhe trará o desespero de não compartilhar do *status* de produtor, o alienará do grupo externo à família, com quem aprende não só a dominar o mundo, mas também de quem tem os suportes iniciais para sair dos vínculos infantis de casa.

"Perder a esperança desta associação industrial pode fazê-la regressar à rivalidade familiar mais segregada, menos consciente do instrumental, da etapa edípica" (1971, p. 239). Ou seja, se pensarmos em termos freudianos, as frustrações obtidas no desempenho intelectual e social da latência farão com que a criança regresse a pontos de fixação estabelecidos em etapas anteriores à solução do complexo de Édipo.

Esta etapa define para Erikson o "*ethos*" *tecnológico* de uma cultura. Começa a estruturar os juízos sobre a divisão do trabalho, da capacidade individual de realização e das diferenças de oportunidades. Para Erikson, duas ameaças básicas podem interferir na constituição pessoal do sentimento de identidade que se organiza. A primeira é o estudante sentir que os preconceitos provenientes da raça ou do nível social decidem muito mais o que ele pode fazer, do que o seu desejo íntimo de realizar. O outro perigo é que "se aceita o trabalho como sua única obrigação, e o 'produtivo' como seu único critério de valor, pode considerar-se um escravo conformista e inconsiderado de sua tecnologia e daqueles que estão em situação de explorá-la" (1971, p. 240).

O sentimento básico de indústria, oriundo desta crise psicossocial, contribuirá para a formação da identidade ao estabilizar o sentimento de que "eu sou o que posso aprender para realizar trabalho" (Erikson, 1976, p. 128), ou seja, o sentimento de que se pode assumir como um conquistador e realizador, não só nos planos da fantasia como ocorre nas etapas anteriores, mas na construção de um mundo real. No fracasso, o sentimento de inferioridade estabelecido fará com que ou se submeta às manipulações externas para buscar afeto, ou regreda para o núcleo familiar, buscando ser o bebê que recebe afeto independente do que possa fazer.

1.2.4.5 Identidade versus confusão de papéis

Com a puberdade, encerram-se as etapas infantis de desenvolvimento. Dentro do modelo de Erikson, podemos dividir suas oito etapas

evolutivas em três momentos. O primeiro incluindo as quatro crises iniciais nos estágios da infância, ou seja, as etapas parciais de desenvolvimento, cada qual estabelecendo um sentimento ou modelo básico de relação com o mundo, isto é, contribuindo com etapas parciais para a formação da identidade. O segundo é a configuração da identidade propriamente dita, momento onde o sujeito definirá realmente quem ele é. O terceiro constitui as três etapas finais da vida, onde cada uma delas corresponde a um momento de "produção", quer ao nível interno, quer ao nível da contribuição social.

Para Erikson, a identidade se configura em três áreas básicas de definição, ou seja, a identidade sexual, a profissional e a ideológica. A identidade sexual é a definição genital de seu papel, definição esta que já estabelecerá suas bases na solução da etapa fálica, mas que agora estruturará o Ego — o sentido de "mesmidade" e continuidade decorrente de uma definição autêntica e original. A segurança do papel sexual assumido é o que lhe permitirá estabelecer as filiações características das etapas seguintes. Erikson, por privilegiar o nível de construção do Ego, não se detém nas análises de retomada do Édipo e luta contra o incesto para a definição final da heterossexualidade dirigida para fora de casa. Prefere analisar os modelos projetivos característicos dos anos adolescentes, onde a figura amada é inicialmente uma depositária da projeção do que o amante se imagina. Progressivamente a sua imagem que é refletida pelo outro é aclarada, até que ele se possa conhecer e definir (1976, p. 133). Não é difícil entender o alcance do modelo de Erikson. É estando seguro do que se é, que se pode finalmente buscar a relação com o outro sem contaminações; ou seja, o outro não é visto em relações projetivas, como extensão do eu, mas sim como um outro com quem se relacionar. Pode-se até suportar as diferenças, entendê-las e conviver com elas, pois que as divergências já não mais ameacem os próprios valores, seguro que está o sujeito por suas aquisições.

Um segundo nível se refere às aquisições da identidade profissional. "Eu sou em grande parte aquilo que faço." Pensamos que o conceito de provedor externo que Erikson define como elemento básico da maternagem está ligado à organização evolutiva do sentimento de que só pode ter ou só pode dar aquele que faz. A realização profissional é o que dará ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo dentro do grupo social; é o que o configurará como um membro independente e simultaneamente co-participador na construção de bens, portanto da realização do mundo material. Dos modelos imitativos anteriores que a criança desenvolve na relação com os pais, portanto das identificações, o indivíduo emergirá para a identidade, ou seja, para a configuração original de uma escolha que

também lhe definirá os sentimentos de "mesmidade" e continuidade. Poderá estar seguro não só do que é, mas do que continuará sendo.

A escolha de uma profissão é fundamental na normalização das relações com o mundo. Num nível mais concreto, é claro, entende-se que, em parte, sou aquilo que faço. Num nível mais profundo, entendo que a opção profissional é basicamente uma reparação, ou seja, defino realizações no mundo externo que correspondem em geral às incertezas ou fraquezas que tenho em fantasia. Produzir e construir fora age como um elemento compensador de minhas falhas. É sobre este sentido básico de falta que eu me construo, e que, num todo, a civilização é construída. Neste sentido estou usando o conceito de carência num nível que me parece menos viciado que o de sublimação. Realizamos fora, não porque sentimos que nos resta algo para transferir, mas porque a falta que nossa fantasia elabora realiza-se em outro plano adaptativo.

Um terceiro nível de organização da identidade é a definição ideológica. O adolescente, em permanente reconstrução interna, deve acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se. Para Erikson a energia que permite as revoluções e rupturas com os modelos que não mais servem provém do fervor da adolescência. Diz Erikson: "A adolescência é, pois, um regenerador vital no processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à revolução revolucionária do que perdeu seu significado regenerador" (1976, p. 134).

A resolução dos três níveis da identidade dará ao indivíduo a segurança necessária para as etapas posteriores onde, definido o que é, poderá se projetar como um realizador. A confusão de papéis, perigo desta etapa, o imobilizará numa indefinição onde as filiações estarão ameaçadas, e com elas, sua verdadeira capacidade para a genitidade num sentido freudiano.

A vitória desta etapa de formação da identidade é deixar o sentimento básico de que "eu sou" (1976, p. 138).

J. Marcia e a operacionalização da identidade

Joseph Marcia, continuador das idéias de Erikson, nos apresenta um interessante modelo operacional de trabalho com a aquisição da identidade. Parte das subdivisões básicas de Erikson para a aquisição da identidade, ou seja, as áreas sexual, profissional e ideológica, especificando que a ideologia é configurada em dois níveis, ou seja, o político e o religioso, e tenta analisar as etapas ou momentos de aquisição destes setores da identidade.

Primeiramente, Marcia verifica que cada aquisição é realizada em duas etapas. Numa primeira, o indivíduo passa por um momento de crise, ou seja, por um momento onde várias possibilidades se descorriam, onde se sente atraído por mais de uma opção, onde pode questionar as opções até que a escolha que lhe faça sentido se defina. Num segundo momento, é necessário que se realize um engajamento com a opção efetuada, ou seja, que sinta sua escolha incorporada ao seu Ego, e que a preserve e lute para sua realização. Crise e engajamento seriam, portanto, etapas sucessivas da aquisição de uma área de identidade.

No plano profissional isto implicaria em avaliar as várias opções atrativas, desde os modelos que naturalmente são impostos ou "sugeridos" dentro de casa, até os modelos que correspondam a requisitos mais parciais de sua fantasia. Quer ser médico como o pai, mas resolve se interessar por comunicação. Oscila entre os seus interesses e o de outro. A crise que às vezes eclode em casa é decorrente, em geral, muito mais de seu conflito interno do que de pressões reais. A abertura para a área de humanas pode indicar até uma terceira opção, por exemplo, Economia ou Direito. Por fim define-se, e, ao ingressar na faculdade, já se sente um profissional da área que escolheu. Houve o momento de crise e o posterior engajamento. A identidade profissional está adquirida.

No plano sexual, o adolescente vem com modelos dados pela estrutura familiar. Deve haver um momento em que esta estrutura é questionada, em que se rompe com o modelo dado e o questionamento é aberto para outras opções. Marcia considera que, em nossa cultura, a temática das relações sexuais pré-maritais (ou o tabu da virgindade) está no âmago das reflexões adolescentes sobre os modelos de conduta sexual. O momento do questionamento inicia a crise, preenche de indecisões para uma e outra postura, até que a definição seja estabilizada. O engajamento se caracterizaria em não só definir o modelo, mas em senti-lo como sendo realmente sua opção de vida, portanto em assumi-lo com certa serenidade. Não importa se depois do questionamento o jovem mantém o modelo dos pais, ou se opta por outro. Importa sim que, após a crise, haja definição e engajamento pessoal.

No plano ideológico, Marcia especifica que o jovem deve travar duas batalhas. Uma pelas definições políticas, ou seja, definir qual é o modelo de mundo real no qual quer viver e participar pessoalmente para que sua opção tenha a perspectiva de se realizar. O termo *político* é para ele amplo e engloba as atuações desde política comunitária, passando pelos movimentos estudantis, até as filiações político-partidárias. De outro lado, o mundo virtual ou transcendental é definido pela religião. Existência ou não de Deus, perspectivas de

uma vida espiritual futura estão no centro destes questionamentos. Também não importa qual o modelo de fé ou de ateísmo após a crise. Importa que as perspectivas transcendentais estejam assumidas.

Pesquisando como os adolescentes ultrapassam estas etapas, Marcia conclui que existem quatro posicionamentos básicos diante da aquisição da identidade. Denominados por ele moratório, aquisidor, impedido e difuso.

O moratório é em geral um estágio característico do adolescente inicial. Caracteriza-se por estar dentro da crise, mas os engajamentos ainda não estão efetuados. Por exemplo, já diz o que pretende estudar, mas fica indeciso ou muda de opinião diante de outras perspectivas atraentes. Rompe com o tabu da virgindade imposto pelos pais, mas reluta ante a idéia de se casar com uma mulher que não seja virgem. Rompe com a religião familiar, mas a ela recorre nos momentos de crise. Oscila entre atitudes autoritárias e liberais nas preocupações políticas. O moratório está, portanto, exercitando um direito que lhe é socialmente dado de proteger suas escolhas, até que as opções se definam e sejam sentidas em consonância com seu ser. O perigo é eternizar-se em moratório, eterno primeiro-anista das faculdades, oscilante entre posições partidárias e religiosas, ambíguo com sua postura sexual e a dos outros.

O aquisidor caracteriza-se pelo que discutimos nas subdivisões das várias áreas da identidade e dos conceitos de crise e engajamento. Tendo ultrapassado a etapa moratória, assumiu seu modelo nas várias áreas de definição de identidade. É o tipo considerado maduro e sadio. Pode enfrentar as crises, questionar as opções e seguir sereno e seguro do que é e do que quer.

O impedido caracteriza-se por ter efetuado os engajamentos sem ter antes passado pela crise. Na verdade não vive um modelo de identidade, mas de identificação com os modelos parentais. Num questionamento dirá: "Venho de uma família de médicos. Em casa sempre foi um ideal ajudar os outros. Já desde pequeno que eu sabia que iria ser médico. Nunca pensei em outra profissão". Sobre os valores sexuais, sempre dará as referências de suas atitudes a partir dos modelos de casa. A religião e a ideologia política terão a mesma origem. Deve-se frisar que necessariamente as coisas não são tão lineares. Marcia exemplifica como uma carreira militar, onde os outros decidem por ele, pode ser um posicionamento impedido, mantenedor das relações de casa onde tudo era decidido por ele. Embora Marcia não faça maiores extrapolações, acreditamos que o grande perigo de impedimento seja a eclosão de crises tardias, onde já não mais haverá flexibilidade para novos posicionamentos, restando

um sentimento de que as escolhas de vida foram falsas, e não há mais tempo para refazê-las.

O difuso nem passou pela crise nem se enganou. É o indivíduo para quem em geral só importa viver o momento. Não há preocupações com sua continuidade e mesmidade. Vive e "dança de acordo com a música". Não é necessariamente um promíscuo ou um marginal, mas está próximo de encaminhar-se para eles. Marcia diferencia, entre os difusos, dois tipos caracterizados como o bem-adaptado e o mal-adaptado. O bem-adaptado se caracteriza por compreender bem as regras do jogo social e, à medida que não possui valores pessoais que o delineiam, pode naturalmente moldar-se às circunstâncias para obter todos os proveitos pessoais que forem possíveis. Trabalha com o que dá mais dinheiro no momento, seja algo lícito ou não. Os outros posicionamentos também são amoldados na tentativa de buscar proveitos próprios. O mal-adaptado é aquele que, além da falta de valores, isola-se do grupo social. Em nosso meio, muitos pseudo-artesões, ou seja, aqueles "entortadores de arame", freqüentemente sem origem e destino definido, fazem parte do que Marcia define como o difuso mal-adaptado.

1.2.4.6 Intimidade versus isolamento

Esta é a primeira das três etapas que Erikson classifica como "para além da identidade". O sentimento básico de "eu sou", estabelecido na etapa anterior, dará agora ao adulto inicial a perspectiva de transcender o que é, de associar sua identidade a outras, quer na filiação do amor, quer em filiações mais concretas, sem que se sinta ameaçado de invasão ou controle, e sem tentar impor projetivamente aos outros seu modelo, visto que "só se busca reduzir o outro ao 'eu' se o 'eu' se configura incerto, inseguro e ameaçado pelo que é diferente".

Erikson chama de "intimidade" a "capacidade de confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a estas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos" (1971, p. 243).

A intimidade corresponde, para Erikson, à entrada na verdadeira genitalidade proposta por Freud, abrangendo desde a plenitude do orgasmo, não num nível concreto, mas no nível da mutualidade da relação com o parceiro amado e de outro sexo, até a regulação dos ciclos psicossociais de vida, onde estão compreendidas as relações maduras de confiança mútua, de regulação mútua dos ciclos de trabalho, procriação e recreação e da preocupação com a descendência e seu desenvolvimento.

Embora a proposta de Erikson seja acentuada a partir do ponto de vista freudiano, ou seja, há uma ênfase na normalização da sexualidade como tarefa básica de evolução, o modelo pode ser transposto para as duas outras áreas de configuração da identidade, derivadas que são da genitalidade original. Assim o estabelecimento de filiações ao nível do amor é o modelo básico das filiações a serem estabelecidas ao nível do trabalho e da ideologia. A estabilidade da intimidade ao nível genital, que Erikson explica nos seguintes termos: "Assim, as relações sexuais satisfatórias fazem o sexo menos obsessivo, a supercompensação menos necessária, os controles sádicos supérfluos" (1971, p. 244), pode ser transposta para os vínculos naturais e prazerosos com a opção profissional, que se torna realização e não defesa, e com os vínculos político-religiosos.

O sentimento básico de conquista desta etapa transcende ao "eu sou" anterior, ampliando-se para o "nós somos aquilo que amamos" (1976, p. 138).

A contrapartida da intimidade é o isolamento, o distanciamento, uma tendência a se pôr à parte das pessoas e do mundo, não raro tentando destruir não só suas características pessoais, porque inseguras e perigosas, como as do outro, porque invasoras e ameaçadoras.

1.2.4.7 Generatividade versus estagnação

Para Erikson, o período que compreende a vivência do adulto é caracterizado pela capacidade de produzir. Num sentido original, o de produzir vida e continuar nela o trabalho humano de elaboração da cultura; é o período que define o homem como aquele que ensina, portanto, que domina as relações maduras da cultura. É o período sobre o qual repousam a construção e a perpetuação do patrimônio cultural humano.

Os sentimentos de criatividade e produtividade característicos deste período são sinônimos do ponto de partida original, ou seja, da generatividade. A finalidade última da vida é sua perpetuação, e ao nível humano, a reprodução não encerra o ciclo, mas lhe dá o ponto de partida, onde o produtor deverá ser capaz de realizações, a fim de se tornar o provedor externo capaz de manter a prolongada infância da prole, e deverá ser capaz de transmitir a tecnologia e a ideologia de mundo que garantam a continuidade da civilização. Nos termos de Erikson, a segurança e a expansão gradual dos interesses do Ego permitirão um investimento libidinal naquele que está sendo gerado (1971, p. 246). Este é o momento em que a ponte entre a reprodução e a produção se estabelece como característica humana, e nele Erikson vê o caminho teórico para a integração de teorias

Freud-Marx (1971, p. 247). O fracasso na generatividade conduz a estagnação a uma espécie de retorno a uma pseudo-intimidade, onde os vínculos ficam permeados por "uma sensação penetrante de estagnação e infecundidade pessoal" (1971, p. 246).

1.2.4.8 Integridade do Ego versus desesperança

A etapa final da maturidade humana é descrita por Erikson como a etapa da sabedoria. Só será atingida por aquele que se aproveitou dos triunfos e desilusões das etapas anteriores para crescer, tornar-se um "criador de outros seres humanos e gerador de produtos e idéias" (1971, p. 247). Este sentimento de integridade, de consciência com um valor cultural, com um patrimônio humano do qual pode conhecer a limitação do seu ciclo pessoal de vida e assumir sua contribuição para a continuidade humana, é definido por Erikson como "integridade do Ego". A integridade se torna "um amor pós-narcisista do Ego humano — não do eu — como uma experiência que transmite uma certa ordem e sentido espiritual do mundo, não importa o que isto tenha custado. É a aceitação do próprio e único ciclo de vida como alguma coisa que tinha que ser e que, necessariamente, não admitia substituições: significa assim um novo, um amor diferente com relação aos próprios pais" (1971, p. 247). Parafraseando Calderón, o sentido de honra e integridade desenvolvido se torna o "patrimônio da alma", aquilo que lhe permite enfrentar a limitação de seu ciclo individual de vida com serenidade, posto que a morte não encerrará a cultura que assumiu, desenvolveu e ensinou aos descendentes.

Por isso o temor da morte é a concretização da desesperança, ou seja, o sentimento subsistente é o de que não há mais tempo para recomençar e não há sentido no que foi feito. O sentimento de descontentamento consigo mesmo eclode, e muitas desestruturas emocionais da velhice têm sua origem neste sentimento de fracasso vivencial. Acreditamos que esta síntese da etapa final de Erikson seja elemento eurístico para a reflexão sobre a sensibilidade.

Não encontro melhor posicionamento para encaixar a epigênese da identidade do que a correlação estabelecida por Erikson entre a maturidade e a infância.

"E parece possível parafrasear, ainda mais, a relação entre a integridade adulta e a confiança infantil, dizendo que as crianças sadias não temerão a vida se seus antepassados tiveram integridade bastante para não temer a morte" (1971, p. 248).

1.2.5 Knobel e a síndrome da adolescência normal

Maurício Knobel,¹⁶ psicanalista argentino atualmente radicado no Brasil, tem dedicado inúmeros trabalhos à adolescência, particularmente aos conflitos normais e patológicos estabelecidos neste período. Em seus trabalhos clínicos freqüentemente atendia adolescentes onde, *a priori*, havia como queixa a existência de comportamentos considerados anormais ou patológicos, mas que, durante o atendimento, pôde notar que eram apenas externamente patológicos. Numa visão interna do dinamismo pessoal, estes comportamentos poderiam ser considerados como normais e faziam parte de um momento evolutivo.

Partindo das idéias de Aberastury, onde o conflito para tornar-se adulto é desenrolado paralelamente ao luto pela perda da estrutura infantil, Knobel conclui que não se pode atingir a maturidade antes de se passar por um certo grau de "conduta patológica", onde as relações de infância, oportunidades e perspectivas da genitalidade se entrecruzam. Vários destes aspectos "patológicos" da conduta adolescente, já estudados por ele em outras publicações, foram sintetizados num conjunto de sintomas ou características que ele define como a "síndrome da adolescência normal". Faremos a seguir uma síntese destas características descritas por Knobel.

1.2.5.1 Busca de si mesmo e da identidade

Knobel toma basicamente o modelo de Erikson para definir a constituição da identidade, mas reporta-se a modelos um pouco mais ligados à organização da fantasia. A definição de identidade que lhe fica central é tomada de Grímberg, que diz que o sentimento de identidade "implica a noção de um eu que se apóia essencialmente na continuidade e semelhança das fantasias inconscientes atribuídas, primordialmente, às sensações corporais, às tendências e afetos em relação com os objetos do mundo interno e externo e às ansiedades correspondentes, ao funcionamento específico em tipo e intensidade dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificação assimilada resultante dos processos de introjeção e projeção".

Vemos então que, se, de um lado, a progressiva construção psicossocial do Ego (nos termos de Erikson) é levada em conta, e a definição dos modelos de identidade dará o sentimento de mesmidade e continuidade que estabilizará o sentimento de definir "quem

¹⁶ Aberastury, A. e Knobel, M. *La adolescencia normal*. Buenos Aires, Paidós, 1976.